

UMA QUESTÃO DE TABLEAUX: SADE, VITALISMO MÉDICO E PEDAGOGIA FICCIONAL¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i25p153-165>

Livia Cristina Gomes²
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Este artigo se volta à tessitura de uma dupla relação produzida entre os tratados médicos e as narrativas ficcionais setecentistas, sobretudo as que eram consideradas “licenciosas”. Com isto, almeja-se mostrar, por meio da análise de um excerto da *Nouvelle Justine* (1799), como Sade dramatiza em sua obra os discursos que lhe eram (quase) contemporâneos, tornando-os equívocos.

ABSTRACT

*This article focuses on the double relationship between medical treatises and fictional narratives, especially those that were considered “licentious.” With this, it is sought to show, through the analysis of an excerpt from *La Nouvelle Justine* (1799), how Sade dramatizes in his work the discourses that were (almost) contemporaneous, making them equivocal.*

PALAVRAS-CHAVE:

Sade.
D. A. F. (1740-1814).
Literatura libertina.
Tratados médicos.
Leitura.
Tableaux.
Vitalismo.

KEYWORDS:

Sade.
D.A. F. (1740-1814).
Libertine literature.
Medical treatises.
Reading.
Tableaux.
Vitalism.

¹ Este artigo retoma, com algumas modificações, a comunicação apresentada no Colóquio Gêneros Literários no Longo Século XVIII (1660-1832), em 23 de agosto de 2017.

² Doutorada em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP).

Aos leitores de Sade, não é difícil perceber o uso reiterado de conceitos ou explicações que o autor toma emprestado da ciência de sua época e os coloca na boca de seus personagens libertinos. Tal empréstimo, contudo, não consiste em uma particularidade de sua escrita, cuja singularidade, conforme veremos, reside antes no modo pelo qual os conceitos são nela sobredeterminados pelas perspectivas colocadas em cena. Dito de outro modo, quando *La Nouvelle Justine* sai a público em 1799, há muito já circulavam narrativas que ficcionalizavam termos científicos. No entanto, se por um lado a ficção encenava os conceitos da ciência, dramatizando-os pelos discursos de seus personagens, por outro, não faltavam tratados médicos que se debruçassem sobre os efeitos “patológicos” da leitura. É neste sentido que, num primeiro momento, este artigo se volta ao escopo mais amplo da permeabilidade discursiva entre ficção e discurso médico para, em seguida, se deter à escrita sadeana.

1. Em nome do progresso e da felicidade pública

Muito se fala do romance como o gênero literário sem características predefinidas, salvo a de ficcionalizar outros discursos. Não é, pois, estranho que, iluminada pela filosofia que explica os fenômenos físicos e as sensações, a protagonista de *Thérèse philosophe* (1748), narrativa atribuída ao marquês d’Argens, lance mão de conceitos médicos, em especial os da fisiologia de então. Seu propósito é, aliás, nobre: libertar os prazeres do corpo, reprimidos pelo julgo da moralidade religiosa, e “contribuir à felicidade pública por meio da regularidade dos costumes”,³ como diz Thérèse no desfecho de sua história. Não obstante, também se diz elevado o intuito dos escritos médicos que alertam sobre os males da leitura, uma vez que é em prol do progresso dos homens que, por exemplo, o dr. Samuel Auguste Tissot (1728-1797) justifica o seu “triste” trabalho de “se ocupar dos crimes [de onanismo] de outrem” na esperança de que possa “reduzir a frequência deles e minimizar os infortúnios que lhe são decorrentes”.⁴

Uma narrativa “licenciosa” investe-se, portanto, de uma recomendação moral, assim como uma dissertação sobre a saúde, e isto

³ ARGENS, baron d'. *Thérèse philosophe ou Mémoires pour en servir à l'histoire du P. Dirrag, & de Mademoiselle Eradice*. [1748], p. 86. Edição fac-similar disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8613369s/f1.item>>. Acesso em: 25 out 2014. Salvo quando expresso, todas as traduções são de minha responsabilidade.

⁴ TISSOT, S. A. *L'onanisme, dissertation sur les maladies produites par la masturbation* [1760]. Paris: Libraire Pigoreau, 1817, p. 6. Edição fac-similar disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k932293z/f5.image.r=onanisme%20tissot>>. Acesso em: 17 fev 2016.

porque “a união entre a alma e o corpo é tal que ambos partilham reciprocamente o bem e o mal que lhes acontecem”.⁵ Servindo de epígrafe a um dos tratados do dr. Tissot e atribuída ao médico italiano dr. Bernardino Ramazzini (1633-1714), a citação é tanto mais interessante se atentarmos ao fato de que corrobora o pressuposto da filosofia esclarecida da jovem Thérèse. Embora com implicações contrárias, ambas apostam na perfectibilidade da espécie por meio do melhoramento dos costumes. Mais do que isto, tanto uma narrativa “licenciosa” quanto um virtuoso tratado médico empregam a mesma estratégia discursiva, tão cara aos Setecentos: os *tableaux*. Em ambos os casos, o que importa é o viés *pedagógico* da leitura, que, por sua vez, se faz pela força de seus quadros. Começemos então por eles.

1.1 Enquadramento dos corpos e a pedagogia de seus prazeres

“Representação viva e natural de uma coisa, seja pela voz, seja por escrito”, conforme o verbete oferecido pelo *Dictionnaire critique de la langue française*, de Jean-François Féraud⁶ (1787-1788), o quadro se subsume à finalidade da virtude pedagógica, partindo da premissa de que não existem obras puramente “estéticas”, no sentido em que o termo possa designar uma certa autonomia em relação a questões morais. Da representação como pintura ou demonstração (vide também a definição de Du Marsais⁷), acrescenta-se, a partir da concepção de Diderot, o sentido de energia, da força de algo que se revela como o verdadeiro, enfatizando assim o *efeito* que o quadro é capaz de produzir.⁸ Seja como for, o *tableau* setecentista partilha ainda da tópica antiga *docere, delectare, movere*. Isto é, pela axiomática conjuntiva do *agradável* (“*plaire*”) e do *útil* (“*faire la morale*”), da máxima sobreposição do “belo” e do “bom”, conjugam-se a formação do gosto e o aperfeiçoamento dos homens.

Deste modo, pode-se dizer que há um duplo movimento que se faz

⁵ TISSOT, S. A. De la santé des gens de Lettres, suivi de l'essai sur les maladies des gens du monde [1768]. Paris: Libraire J. Techener, 1859, p. 1. Edição fac-similar disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6530945x>>. Acesso em 14 mar 2016.

⁶ FÉRAUD, J.-J.-F. Dictionnaire critique de la langue française. 3 vol. Marseille: Mossy, 1787-1788. Disponível em: <<http://dictionnaires.atilf.fr/dictionnaires/FERAUD/index.html>>. Acesso em: 05 jan 2013. Segue-se ainda o verbete no Dictionnaire de Trévoux (1738-1742): “TABLEAU, se dit figurément en Morale des descriptions & représentations qui se font, soit de vive voix, soit par écrit, soit par des livres exprès, tant des choses naturelles que morales. Descriptio, representatio”.

⁷ Vale lembrar sua definição de “hipotipose”: “A Hipotipose é uma palavra grega que significa imagem, quadro. É quando nas descrições pintamos os fatos dos quais falamos, como se aquilo que dizemos estivesse no momento diante dos olhos; mostramos, por assim dizer, aquilo que somente é narrado; damos de algum modo o original pela cópia, os objetos pelos quadros” (DU MARSAIS. Des tropes ou des differens sens dans lesquels on peut prendre un même mot dans une même langue. Paris: Veuve J.-B. Brocas, 1730, p. 122. Edição fac-similar disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50576m/f2.item>>. Acesso em: 20 dez 2015).

⁸ Percebe-se que a concepção do quadro não está dissociada da importância do gesto na filosofia diderotiana. Com a permissão do leitor, reenvio ao capítulo de minha tese de doutorado, “O teatro da frase”, em que comento o gesto diderotiano e a origem sentimental da língua em Rousseau, bem como suas implicações enunciativas e políticas: GOMES, L. C. O corpo por fazer: Sade e a equívocidade enunciativa nas três versões de Justine. 2017. 246f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

desde os quadros: se neles se projeta o progresso do espírito, é porque são eles que formam os corpos. Seu remédio ou seu veneno vem, pois, da capacidade de arrebatamento que provocam naqueles que os leem. Ele é assim o modo de captura do corpo do leitor, que passa a ser modulado pela leitura, cujos efeitos o agenciam para além dos momentos pontuais do contato. Seu *voyeurismo* habita, como já se espera, o cerne desses “livros que se leem com uma só mão”, para citar a frase atribuída a Rousseau e que dará título ao estudo de Jean-Marie Goulemot, de quem se segue a citação:

Aí temos a chave da narrativa erótica: a composição em quadro, uma solitação do olhar, um chamado insistente ao amador para que ele se ponha suficientemente à distância para enxergar bem, admirar e escutar. Assim, a narrativa erótica deve ser concebida como uma pintura que se olha indiscretamente, uma imagem furtiva, uma espécie de estranha câmara escura, uma percepção através de um rombo, em que tudo se passa como se os modelos não tivessem consciência de serem vistos ou, então, absorvidos pelo prazer, fizessem de conta que não houvesse testemunha [...] O romance erótico seria, em essência, um romance de *voyeur*. A essa necessidade corresponderia a escrita em quadro e a encenação narrativa que lhe é própria.⁹

De acordo com Goulemot, desde o final do século XVII circula clandestinamente uma série de textos ficcionais a que classifica como constitutivos do “gênero pornográfico”. A começar pelo anônimo *L'école des filles ou la philosophie des dames* (1655), *Vénus dans le cloître ou la religieuse en chemise* (1672), atribuído ao abade Duprat, e os “clássicos” setecentistas *Histoire de dom B... , portier des chartreux* (1741), de Gervaise de la Touche, e o já citado *Thérèse philosophe* (1748), atribuída ao marquês d'Argens, estes textos representariam uma “literatura erótica [que] inventa suas regras de produção e seus circuitos de difusão e de consumo”.¹⁰ Ainda segundo o autor, sua leitura teria uma finalidade específica: a da excitação sexual. Colocando o leitor na posição de *voyeur*, o quadro das narrativas “licenciosas” consistiria, portanto, em mostrar e ensinar a descoberta do corpo e de seus prazeres, desvencilhando-o da condenação moral e patológica então vinculada às práticas solitárias.

Todavia, o quadro da cena íntima entre os personagens pode também enquadrar mais do que a diversão voluptuosa do leitor, defendida por Goulemot. Não se deve aqui subestimar sua empreitada pedagógica. Afinal, a explicação dos prazeres, constitutiva da filosofia de Thérèse – para ficarmos na narrativa atribuída ao marquês d'Argens – prescreve um certo uso do corpo, modalidades de práticas sexuais que possam se repetir

⁹ GOULEMOT, J.-M. Esses livros que se lêem com uma mão só : leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000, p. 71-72.

¹⁰ *Ibidem*, p. 33.

“sem perturbação, sem filhos, sem inquietação”.¹¹ Neste sentido, a didática dos livros eróticos pode ser lida como propaganda de práticas contraceptivas, dada a apologia recorrente da masturbação recíproca e do coito interrompido, além da propaganda do manuseio de instrumentos úteis tanto na prevenção de uma gravidez indesejada quanto na difusão de novos hábitos higiênicos.¹² Essa é, aliás, a hipótese aventada pelo historiador Robert Darnton:

é no século XVIII que, em face da mortalidade nos partos, difundem-se as primeiras medidas contraceptivas em certos estratos da população francesa. Fica uma pergunta: seria absurdo crer que uma obra tão vendida quanto *Thérèse philosophe* (e outras semelhantes, como *Le triomphe des religieuses ou les nonnes babillardes* [O triunfo das religiosas, ou as freiras tagarelas] tenha contribuído para a evolução peculiar à demografia francesa, com queda nas taxas de mortalidade infantil e, pouco depois, queda na natalidade? A hipótese é menos extravagante do que se poderia pensar: só agora começamos a compreender melhor a importância da alfabetização, da difusão do livro e dos hábitos de leitura no fim do Ancien Régime.¹³

Contudo, o que importa aqui não é se efetivamente o texto erótico teve consequências nas taxas de natalidade. O que se ressalta é a enunciabilidade das práticas sexuais e o apelo pedagógico que esses textos apresentam. Não que as modalidades descritas sejam realmente inéditas, algo difícil de se saber hoje. O ineditismo delas está antes em torná-las enunciáveis, fazê-las constituírem discursos, transcrevendo-as com os parâmetros da razão normatizadora dos costumes. Em outros termos, pode-se dizer com Michel Foucault¹⁴ que se assiste a uma *vontade de saber*, subjacente em diferentes esferas da vida social, e que se volta para o corpo, fazendo dele uma nova discursividade e uma analítica de seus usos. Essa vontade, “*la volonté de savoir*” – título, não por acaso, do primeiro volume da *História da sexualidade* – circunscreve “uma verdadeira explosão discursiva”,¹⁵ da qual contribuem tanto a ficção quanto os discursos

¹¹ ARGENS, baron d'. *Thérèse philosophe ou Mémoires pour en servir à l'histoire du P. Dirrag, & de Mademoiselle Eradice*. [1748], p. 83.

¹² Este é o caso de uma esponja que aparece na narrativa de Mirabeau (*Le rideau levé ou l'éducation de Laure* [1788]). In: *Œuvres érotiques*. v. 1. Paris: Fayard, 1984, pp. 301-450). O instrumento consiste em um recurso higiênico a ser utilizado por mulheres que mantêm relações com vários parceiros. A esponja também se faz presente em *Justine*, agora como indicação do método contraceptivo que a personagem Omphale prescreve à protagonista, durante suas desventuras no convento Sainte-Marie-des-Bois. Na Nova *Justine*, ela aparece pela primeira vez na cena em que a protagonista é encarregada de manipulá-la e introduzi-la na condessa Delmonse. Vale citar a passagem que, além da esponja, aparece também o bidê, instrumento de uso até então recente nas comodidades aristocráticas e cortesãs: “À noite ela [Justine] começa suas honrosas funções: primeiro a latrina, em seguida o bidê. Justine conduzia a esponja, embebia, lavava, limpava” (SADE, D. A. F. *La Nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu* [1799]). In: *Œuvres*. v. 2. Paris: Gallimard, 1995, p. 421). Lembra-se ainda, enfim, que na *História de Juliette* não faltam receitas abortivas.

¹³ DARNTON, R. Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII [1991]. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 168.

¹⁴ FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

¹⁵ *Ibidem*, p. 25.

médicos, dentre outras instâncias institucionais:

Nasce por volta do século XVIII uma incitação política, econômica, técnica, para falar de sexo. Mas não sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, sob forma de pesquisas quantitativas ou causais. Tomar o sexo “em conta”, ter sobre ele um discurso que não seja unicamente de moral, mas de racionalidade, foi uma necessidade bastante nova para que no começo ela se espante consigo mesma e peça desculpas. Como um discurso de razão poderia falar *disso*?¹⁶

A “polícia do sexo”, constituída pelo emaranhado de diversos mecanismos de captura operados pelas instituições jurídica, pedagógica, médica, religiosa, entre outras, fabrica a normatividade dos corpos em nome da revelação de sua suposta verdade. A polícia não é mais, então, o “rigor de uma proibição mas [a] necessidade de regulamentar o sexo por meio de discursos úteis e públicos”.¹⁷ A “filosofia” de Thérèse bem como a “educação” de Laure, para lembrar aqui a narrativa de Mirabeau, não são, portanto, termos fortuitos. Não custa insistir que a pedagogia dos prazeres, transmitida pela força dos quadros narrados, inscreve-se em prol da “regularidade dos costumes”, como afirma Thérèse. Escrever ou ler não constituem, pois, atos inconsequentes, na medida em que, com eles, são a “felicidade pública” e o progresso dos homens que se busca. É em nome deles, aliás, que virtuosos doutores se dão o trabalho de decorrer sobre as consequências “nefastas” do autoerotismo.

1.2 Enquadramento dos corpos e a pedagogia de uma saúde virtuosa

Essa multidão de impressos que circulam continuamente na Europa, essa imensidão de obras que saem todos os dias supõe necessariamente uma multidão de homens que talvez não possuam os verdadeiros atributos dos Sábios, mas que estão mais ou menos expostos aos males que eles passam, e dos quais os males dos nervos constituem apenas uma parte. Tantos autores fazem eclodir uma multidão de leitores, e uma leitura contínua produz todas as doenças nervosas; talvez de todas as causas que têm arruinado a saúde das mulheres, a principal delas é, há 100 anos, a multiplicação infinita dos romances. [...] Uma jovem que aos dez anos leu em vez de correr deve ser, aos vinte, uma mulher com vapores e não uma boa lactante.¹⁸

A passagem é do tratado do dr. Tissot, *De la santé des gens de Lettres*, publicado em 1768. Conquanto o excerto seja significativo em vários

¹⁶ Ibidem, p. 33-34.

¹⁷ Ibidem, p. 35.

¹⁸ TISSOT, S. A. *De la santé des gens de Lettres, suivi de l'essai sur les maladies des gens du monde* [1768]. Paris: Libraire J. Techener, 1859, p. 218-220.

aspectos,¹⁹ reiteremos apenas o mais óbvio: o fato de que um médico escreve sobre romances e letrados, e de que seu alarde se estende ao exercício da leitura e da escrita em geral. Aliás, o que se angaria com a asserção do diagnóstico é o prestígio social da categoria, que ambiciona substituir a imagem do médico que examina urinas pela do *Savant*, do sábio com cuja autoridade poderia discernir o bom do mal e aconselhar o melhor caminho a ser seguido.²⁰ O gesto do médico suíço é, portanto, claro: escrevendo sobre os perigos que rondavam a saúde dos letrados, dr. Tissot se coloca à altura deles, senão acima.

É neste sentido também que se determina o que seria uma leitura saudável, “higiênica”, cujo preceito estava longe de condenar apenas as narrativas eróticas. Mas cabe lembrar aqui, sobretudo, a mudança de paradigma operada na perspectiva médica dos Setecentos, isto é, da noção mecanicista de patologia para as convicções vitalistas de um corpo aberto e influenciável por seu entorno. As causas e a cura da doença deixam de ser circunscritas ao organismo, considerado até então um todo em si mesmo, e passam a abranger as relações entre o paciente e o seu contexto.²¹ Essa guinada epistemológica faz com que o discurso médico passe então a incluir não somente hábitos alimentares, relações afetivas e sociais, mas também a leitura. Um diagnóstico preciso deveria abranger não somente a duração do ato de ler e o modo como se lê, mas, principalmente, o que se lê. Para ir rápido, a leitura passa a ser uma questão de saúde pública, sobretudo quando associada à masturbação:

O onanismo e a leitura se tornam, portanto, não somente preocupações maiores para a medicina das Luzes, mas ainda, são concebidos como objetos estreitamente ligados. Este fenômeno pode ser explicado – ao menos parcialmente – pelo deslocamento epistemológico que se opera nas ciências da vida durante os anos de 1740. [...] Desde então, a patologia *fechada* dos mecanicistas, que respondia a uma concepção do corpo-autômato, foi substituída por uma patologia funcional: a doença, considerada de modo holístico, não pode mais ser o efeito de uma causalidade mecânica interna ao organismo. Ao contrário, ela somente se explica pela influência de um certo número de contextos – afetivo, moral, social, e mesmo político – que singularizam a relação de todo indivíduo com o mundo. É a favor dessa concepção, influenciada pela filosofia sensualista, que o onanismo e a leitura se tornam questões de saúde pública. Ambas as práticas afetam os laços entre o doente e seu entorno; e

¹⁹ Por exemplo, o destaque dado à leitora e a uma certa concepção de “leitura feminina”, aspectos que certamente ultrapassam o escopo deste artigo. No entanto, remeto o leitor ao livro de Alexandre Wenger, especialmente ao capítulo IV, “Physiologie de la lectrice” (WENGER, A. *La fibre littéraire: le discours médical sur la lecture au XVIIIe siècle*. Genebra: Droz, 2007).

²⁰ Cf. WENGER, A. *La fibre littéraire: le discours médical sur la lecture au XVIIIe siècle*. Genebra: Droz, 2007.

²¹ Neste ponto, vale frisar que a expressão “vitalismo médico”, parte do título deste texto, deve ser entendida com certa condescendência: ela não significa que os médicos se consideravam efetivamente “vitalistas”. Trata-se, antes, de um modo, ainda que não bem-sucedido, de apontar essa mudança de paradigma do discurso médico. Cabe igualmente ressaltar que a “medicina” não havia ainda se organizado como uma disciplina, tal como ela é hoje. É por isto que aqui se preferiu utilizar apenas o termo “médico”.

se todos os médicos que se pronunciam sobre o assunto não são vitalistas, longe disso, parece ao menos aceita a ideia de que a doença expressa uma perturbação da sensibilidade individual, na medida em que ela rege as relações entre o paciente e seu entorno.²²

Enquadradas pelos termos clínicos de uma perturbação da sensibilidade que excede o ato íntimo e passa a comandar, com seu “descontrole”, as relações intersubjetivas, a leitura e a masturbação emergem assim como uma disrupção social. Tanto em *L'onanisme, dissertation sur les maladies produites par la masturbation* (1760), do dr. Tissot, quanto em *La nymphomanie ou traité de la fureur utérine* (1771), do dr. D. T. de Bienville (1726?-1813?), é ainda a força do quadro, com seu poder de ativar a imaginação,²³ que estabelece uma relação recíproca entre as duas práticas solitárias. Ao quadro erótico, é então com o quadro clínico que médicos diligentes retrucam, incumbindo-se da tarefa moral de propagar os seus danos. Isto é, se os quadros podem produzir sensações no corpo, levando-o ao impudor, podem igualmente, com sua força imaginativa, trazê-los ou conservá-los no decoro. Deste modo, contraefetuando a impressão de textos “indecentes”, o “quadro revoltante”²⁴ dos efeitos nocivos do autoerotismo transforma-se na arma anti-masturbatória dos tratados médicos. Trata-se, portanto, “de vencer o mal pelo mal, de lutar contra os excessos mórbidos da imaginação, recorrendo a um instrumento que solicita esta última”.²⁵ O “quadro dos desastres físicos que a masturbação ocasiona”²⁶ ganha a dupla função de “impedir que o texto médico seja lido como um objeto de concupiscência e de inspirar o medo pela prática masturbatória”.²⁷

A utilização de uma estratégia que sustenta a composição romanesca não se faz por acaso, assim como os “desastres físicos” assinalados pelos médicos não são igualmente perversos para ambos os sexos. “As mulheres provam não somente os males [dos homens], mas também têm vapores histéricos espantosos, icterícias incuráveis, câibras cruéis [...], furores uterinos que lhes tiram o pudor, a razão”, escreve em 1763 Le Bègue de

²² WENGER, A. Lire l'onanisme: le discours médical sur la masturbation et la lecture féminines au XVIIIe siècle, *Clio: Histoire, femmes et sociétés* [en ligne], 22, 2005. URL: <http://clio.revues.org/1787>. Acesso em: 09 jun 2014.

²³ Vale deixar o verbete “imaginário” da Enciclopédia, assinado por Diderot: “IMAGINÁRIO, adj. (Gram.) o que existe somente na imaginação; assim se diz neste sentido uma felicidade imaginária, uma pena imaginária. Neste ponto de vista, imaginário não se opõe a real; pois uma felicidade imaginária é uma felicidade real, uma pena imaginária é uma pena real. Que algo seja ou não como eu o imagino, sofro ou me alegro; assim, o imaginário pode estar no motivo, no assunto; mas a realidade está sempre na sensação. O doente imaginário está de fato doente, do espírito ao menos, senão do corpo. Seríamos demasiadamente infelizes, se não tivéssemos muitos bens imaginários” (DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. R. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, par une société de gens de lettres. v. 8. Paris: Briasson, 1751-1765, p. 560. Disponível em: <<http://encyclopedie.uchicago.edu/node/176>>. Acesso em: 22 abr 2015).

²⁴ CHAMBON DE MONTAUX, N. *Des maladies des filles*. Paris: Rue et Hôtel Serpente, 1785, p. 223.

²⁵ WENGER, A. Lire l'onanisme, *Clio*, 22, 2005.

²⁶ CHAMBON DE MONTAUX, N. *Des maladies des filles*. Paris: Rue et Hôtel Serpente, 1785, p. 99.

²⁷ *Ibidem*.

Presle²⁸ (1735-1807). Consideradas como seres de organização mais frágil e, logo, mais imaginativas e vulneráveis às fortes impressões dos quadros, são elas que se tornam o protótipo da leitura imaginativa. A disrupção social, provocada pela reciprocidade entre leitura e autoerotismo, consiste, pois, no risco de uma “efeminização” generalizada, de modo a apagar as identidades sexuais e obliterar seus respectivos papéis no funcionamento do corpo coletivo:

A exacerbação dos componentes negativos da feminilidade pode afetar até mesmo as mulheres que, conduzidas pelos tormentos de uma imaginação romanesca, desviam-se de seu papel de mãe; a masturbação as torna inaptas à procriação. [...] Mas de tanto ler e se masturbar, os homens ficam igualmente atingidos: perdem sua energia e se efeminizam a ponto de fazer vacilar a fronteira “natural” entre os sexos.²⁹

Um corpo virtuoso não se desvia de seus papéis e nem desperdiça sua energia: este é o quadro de fundo onde se figura a normatividade dos tratados. Curioso que, se por um lado, a campanha anti-masturbatória pretende “convencer menos pela razão do que aterrorizar pelos exemplos”,³⁰ como explicita Tissot em sua obra de 1760, por outro, a “imaginação romanesca” dos textos eróticos não deixa de ter como artifício a encenação dos discursos médicos em voga. É, afinal, em nome da racionalidade que confere uma explicação fisiológica aos fenômenos dos corpos que se narram os prazeres inventariados. Não é incomum que se fale neles sobre a *fibra* ou *houppes nerveuses*³¹ (traduzida aqui livremente por “gânglio nervoso”), considerada pelos fisiologistas de então uma das unidades básicas constitutivas do vivente e, em grande parte, responsável pela guinada epistemológica do discurso médico. Sensitiva, a fibra é o componente responsável pelos sentidos e pela intensidade das sensações, que dota o corpo humano de “uma densa rede nervosa, percorrida de

²⁸ LE BÈGUE DE PRESLE, A.-G. Le conservateur de la santé, ou avis sur les dangers qu'il importe à chacun d'éviter, pour se conserver en bonne santé & prolonger la vie. Paris: P. F. Didot le jeune, 1763, p. 331. Edição fac-similar disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9782160z?rk=85837;2>>. Acesso em: 22 abr 2015.

²⁹ WENGER, A. Lire l'onanisme, Clio, 22, 2005.

³⁰ TISSOT, S. A. L'onanisme, dissertation sur les maladies produites par la masturbation [1760]. Paris: Libraire Pigoreau, 1817, p. 14.

³¹ Segue-se a definição do “houppes nerveuses” [“gânglio nervoso”] pela Enciclopédia, conforme o verbete assinado por Louis de Jaucourt: “pequeno mamilo que se origina na expansão dos nervos dispersos no tecido da pele. Esses pequenos mamilos são visíveis nas partes que têm mais sentimento, como na planta dos pés, na palma da mão, na língua, & na extremidade dos dedos. Eles dão à superfície da pele um aspecto desigual & um pouco acidentado, se o intervalo que deixam não for ocupado pelo corpo reticular, que é uma espécie de peneira, cujos furos são preenchidos pelos gânglios nervosos: elas passam por esses furos, chegam ao lado de cada sulco da pele, onde são arranjadas em linhas paralelas, & formam o órgão do tocar. À ocasião do movimento mais ou menos forte que se excita nos gânglios nervosos, a alma que está presente em toda parte, tem sensações mais ou menos vivas, & se a parte se torna calosa, a alma não mais terá sentimento, porque ele não mais poderá ter ali movimento nos nervos”. (In: DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. R. Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres, 17 vol., Paris: Briasson, 1751-1765). O termo também aparece em Holbach, em seu tratado de 1770, *Système de la nature ou lois du monde physique & du monde moral*.

tensões, vibrações, oscilações e espasmos”.³² A excitação sexual nada mais é, portanto, do que a repercussão dada por um estímulo exterior, uma vez que, com o pensamento vitalista (e o sensualista de Condillac), acrescenta-se a sensibilidade ao “corpo-autômato” dos mecanicistas, dando agora à sua organização uma “espécie de todo funcional que não se reduz à soma de suas partes”.³³ O sexo torna-se assim um evento que engendra a lógica das sensações e, logo, do funcionamento da dita “natureza humana”:

Para admitir que o homem seja livre, precisaria supor que ele se determina por si mesmo: mas se ele é determinado pela intensidade de paixão que a natureza e as sensações o afetam, ele não é livre. [...] O ordenamento dos órgãos, a disposição das fibras, um certo movimento de licores dão o gênero das paixões; a intensidade da força com a qual elas agem em nós, constringe a razão, determina a vontade nas menores como nas maiores ações de nossa vida. É o que faz o homem apaixonado, o homem sábio, o homem louco. O louco não é menos livre que os dois primeiros, visto que age pelos mesmos princípios. A natureza é uniforme. Supor que o homem seja livre & que ele se determina por si mesmo, é fazê-lo igual a Deus.³⁴

O excerto, que bem poderia ser de um fisiologista deísta, é da *Thérèse philosophe*. Como em grande parte dos textos classificados de “pornográficos” por Goulemot (2000), a voz narrativa também é dada à personagem feminina, tornada uma espécie de porta-voz da imaginação e condizente com a caracterização verossímil do feminino como emocional, mais apto a descrever melhor e com mais intensidade as sensações.³⁵ Na passagem, Thérèse, que protagoniza as aventuras narradas, rebate a virtude imposta pelo convento, onde passou o início de sua adolescência. A réplica à propaganda anti-masturbatória, lançando mão da descrição fisiológica do corpo (“o ordenamento dos órgãos, a disposição das fibras, um certo movimento de licores”), pretende assim naturalizar e, logo, inocentar a excitação sexual para o alívio e o divertimento do leitor. Ao refutar a autodeterminação e a liberdade do homem, Thérèse argumenta a favor de sua submissão à “intensidade de paixão” que o afeta e transforma a “natureza” no princípio explicativo de suas ações. Há de se notar, portanto, que o quiasma operado entre os discursos médicos e os escritos “licenciosos” mantém o mesmo horizonte ontológico: tanto o quadro

³² WENGER, A. Lire l'onanisme, *Clio*, 22, 2005.

³³ *Ibidem*.

³⁴ ARGENS, baron d'. *Thérèse philosophe ou Mémoires pour en servir à l'histoire du P. Dirrag, & de Mademoiselle Eradice*. [1748], p. 25 e 29. Segue-se o original: “Pour admettre que l'homme fut libre, il faudroit supposer qu'il se déterminât par lui-même: mais s'il est déterminé par les degrés de passion, dont la nature et les sensations l'affectent, il n'est pas libre. [...] L'arrangement des organes, les dispositions des fibres, un certain mouvement des liqueurs, donnent le genre des passions; les degrés de force dont elles nous agitent, contraignent la raison, déterminent la volonté dans les plus petites, comme dans les plus grandes actions de notre vie. C'est ce qui fait l'homme passionné, l'homme sage, l'homme fou. Le fou n'est pas moins libre que les deux premiers, puisqu'il agit par les mêmes principes. La nature est uniforme. Supposer que l'homme est libre & qu'il se détermine par lui-même, c'est le faire égal à Dieu.”

³⁵ Percebe-se assim que os escritos “pornográficos” pressupunham e reiteravam o ordenamento dos corpos e de seus respectivos papéis sexuais, ainda que a seu modo.

assustador e moralizante dos tratados quanto a argumentação fisiológica dos textos eróticos têm a “natureza” (moralizadora ou galante) como o princípio regulador dos corpos.

2. Sade e os equívocos da *houppes nerveuse*

Voltemos, finalmente, à escrita sadeana e ao modo como o discurso médico da fibra e o da justificativa naturalizante das paixões entram na narrativa, mais especificamente no discurso do personagem libertino. Adianta-se que, como um grande escritor que é, essas tópicas são evocadas para serem distorcidas, esburacadas pelo trabalho da escrita que produz equívocos e possibilidades entre os termos acionados. Na passagem que segue abaixo, quem fala é o celerado Sylvestre, um dos monges devassos do convento Sainte-Marie-des-Bois, de *La Nouvelle Justine* (1799), terceira e última versão da história da virtuosa.³⁶ Trata-se de uma das várias dissertações que o libertino faz à protagonista que, esperando se entregar à vida religiosa, acaba sendo prisioneira dos monges devassos. Veremos, no entanto, como esse quadro sadeano, estruturado pelo dualismo entre libertino e vítima, se difrata em outros sentidos, embaralhando o antagonismo inicial:

A maior tristeza que pudesse me acontecer seria ver justificar os meus desvios. Se eu perdesse a certeza de fazer o mal quando me abandono aos meus excessos, eu enfraqueceria o gânglio nervoso de minhas sensações libertinas, seria metade menos feliz; o que seria um gozo a que o vício não acompanhasse? [...] Mas todos os gozos estão na natureza, retomou Sylvestre, tanto o mais simples como o mais criminoso: sua voz nos determina beber quando temos sede, assim como foder quando ficamos de pau duro; socorrer um infeliz, se nossa organização flexível e delicada nos leva a isso; ou ultrajá-lo, se mais energia nos caracteres nos aconselha abusar dele. Tudo cabe à natureza, nada a nós: ela nos sugere tanto o pendor ao crime quanto o amor às virtudes: mas, como nos dá, ao mesmo tempo, frutos medíocres e outros de um sabor requintado, ela nos agita de modo mais voluptuoso ao crime do que à virtude, porque sempre precisa mais do crime do que da virtude [...] – E quem duvida, retomou o monge, que o assassinato não seja uma das leis mais preciosas da natureza? Qual é seu objetivo quando ela cria? não é logo ver destruir sua obra? Se a destruição é uma de suas leis, aquele que destrói lhe obedece, portanto! E vês que massa de crimes se eleva desse argumento.³⁷

³⁶ As demais versões são: *Infortunes de la vertu*, de 1787, mas nunca publicada com o autor em vida, e *Justine ou les malheurs de la vertu*, de 1791.

³⁷ SADE, D. A. F. *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. In: *Œuvres*. Paris: Gallimard (Pléiade), p. 695-696. Segue-se o original: “Le plus grand chagrin qu’il pût m’arriver, serait de voir justifier mes écarts. Si je perdais

Defendendo a naturalização da conduta moral, segundo a qual os homens agem de acordo com sua “organização”, o monge inverte assim o procedimento de efeito moralizante das doenças que figuram nos tratados médicos. Se para um Tissot a boa conduta garante uma vida saudável, ou ao menos a isenta dos efeitos prejudiciais do onanismo, para Sylvestre, a virtude é obra de uma “organização flexível e delicada”, ao passo que “mais energia nos caracteres” determina um libertino. O discurso do monge parece então concordar com as palavras de Thérèse, para quem o homem, não sendo livre, fica “determinado pela intensidade de paixão que a natureza e as sensações o afetam”. Acresce que ao argumento de Sylvestre não falta nem mesmo o “gânglio nervoso” como o dispositivo sensível através do qual os estímulos exteriores são capturados. Contudo, a triagem valorativa que produz a antinomia entre o virtuoso e o celerado é instaurada no ato mesmo em que se enuncia seu desmantelamento, fazendo com que a naturalização da conduta seja previamente moralizada. Pois a captura, em sua própria ação supostamente indiferenciada, já é específica e, logo, selecionada pela normatividade que a categoriza: o “gânglio nervoso” de Sylvestre é estimulada por “sensações *libertinas*”.

Ainda que o devasso tenha “mais energia nos caracteres”, o que, segundo ele, acarretaria o “pendor ao crime”, a suspensão da barreira entre o “físico” e o “moral”, tomada de empréstimo aos vitalistas, não subsiste. Entre a virtude de Justine – com os princípios teológicos que a fundamentam e contra os quais o libertino se opõe – e a explicação laica e iluminista dos fenômenos e fluxos corporais, a filosofia celerada de Sylvestre (e dos devassos sadeanos de modo geral) se curto-circuita na medida em que a naturalização que defende somente opera se denegando. Isto é, para que possa manter “a certeza de fazer o mal”, o monge tem de aceitar a norma que refuta (a moralidade que condena o crime como “crime”) e é somente antagonizando (e, por isso, reconhecendo) a “virtude” que o “vício” pode ser delicioso para o libertino. O ato enunciativo de Sylvestre é, deste modo, sobredeterminado, uma vez que tensiona, em um mesmo enunciado, normatividades conflituosas. Se a “maior tristeza” do celerado consistiria em “ver justificar [seus] desvios” de acordo com a conduta moral que os criminaliza, pode-se então deduzir que o clérigo não é exatamente feliz.

la certitude de faire mal quand je me livre à mes excès, j’émousserais la houppe nerveuse de mes sensations libertines, je serais la moitié moins heureux; que serait une jouissance que le vice n’accompagnerait pas? [...] Mais toutes les jouissances sont dans la nature, reprit Sylvestre, la plus simple comme la plus criminelle: sa voix nous indique de boire quand nous avons soif, comme de foutre lorsque nous bandons; de soulager un malheureux, si notre organisation flexible et délicate nous y porte; comme de l’outrager, si plus d’énergie dans le caractère nous conseille d’abuser de lui. Tout est à la nature, rien à nous: elle nous suggère à la fois le penchant au crime et l’amour des vertus: mais, comme elle nous donne en même temps des fruits médiocres et d’autres d’une saveur exquise, elle nous agite de même plus voluptueusement pour le crime que pour la vertu, parce qu’elle a toujours un beaucoup plus grand besoin de crime que de vertu [...] – Et qui doute, reprit le moine, que le meurtre ne soit une des lois la plus précieuse de la nature? Quel est son but quand elle crée? n’est-ce pas de voir bientôt détruire son ouvrage? Si la destruction est une de ses lois, celui qui détruit lui obéit donc! Et tu vois quelle masse de crimes s’élève de cet argument”.

Ou que é “metade menos feliz”, uma vez que o mal executado com os seus “desvios” é logo em seguida justificado pela obediência à Natureza voraz: “aquele que destrói lhe obedece”. No entanto, Sylvestre insiste: “todos os gozos estão na natureza”, desde o “mais simples” ao “mais criminoso”. A norma que criminaliza determinadas ações é novamente solicitada para que, com ela, se pronuncie a própria anulação. Provocado pela impetuosidade do “gânglio nervoso” e pela sujeição à lei ditada pela Natureza, o gozo do celerado formula-se pelos mesmos equívocos com os quais Jérôme, outro monge do convento Sainte-Marie-des-Bois, atesta: “todas as vezes que o crime não acompanhava meu gozo, era-me impossível achá-lo bom” (NJ, p. 791). Submisso ao imperativo da natureza destruidora como todo libertino sadeano, Jérôme faz do ato criminoso um dever. A “massa de crimes” é, assim, torcida pela compossibilidade da obediência cega e da transgressão. Tão equívoco quanto a expressão “leis da natureza”, é o delito para quem o assassinato torna-se uma obrigação moral. Um modo de dizer que, a depender da criminalidade de sua conduta, o devasso fica condenado ao fracasso.

A explicação pretensamente racional da voracidade do libertino como gesto de submissão às leis da natureza dá a ver, pois, sua equivocidade enunciativa: norma e perversão em um só ato. Não custa ressaltar que, com ela, sabota-se a pedagogia dos *tableaux*, minada pela sobredeterminação das normatividades que constantemente se perspectivam. Não investindo nem no gozo feliz e iluminado de Thérèse e nem na saúde virtuosa dos tratados médicos, a *houppes nerveuse* sadeana consiste, portanto, no equívoco que desabilita o enquadramento dos corpos em um princípio regulador. Crime e dever, submissão e transgressão, a escrita de Sade somente se efetua à medida que solapa a univocidade de sentido dos termos colocados em cena. Que não se engane o leitor que veja nisto um contraponto à concepção de felicidade pública e do progresso da espécie. Afinal, entre a filosofia de Thérèse e a equivocidade da *Nouvelle Justine*, há muitos corpos desfeitos ou guilhotinados e outros por fazer. Mas isto já seria assunto para outro momento.